



História e retórica na análise do proêmio da obra *Guerra persa*¹

Lyvia Vasconcelos Baptista

Doutorado em História (UFRGS)

Orientador: Prof. Doutor Anderson Zalewski Vargas (Proaera-UFRGS)

Resumo

A redescoberta da retórica no cenário acadêmico ocasionou uma ampliação do sentido hermenêutico agregado ao termo, revelando seu potencial como teoria da compreensão dos discursos. O objetivo deste artigo é apresentar a leitura retórica como possibilidade de abordagem do documento histórico, a partir da interpretação do proêmio da obra *Guerra Persa*, cuja autoria remete-se a Procópio de Cesaréia, no século VI d.C.

Palavras-chave: História; Retórica; Procópio de Cesaréia.

History and rhetoric in analysis of the book *Persian War's* proem

Abstract

The rediscovery of rhetoric in an academic setting led to expansion of the hermeneutic sense aggregated to the term, revealing its potential as a theory of discourse comprehension. The aim of this article is to show a rhetorical reading as a possible approach to the historical document, by the interpretation of the *Persian War's* proem, written by Procopius of Caesarea, in the sixth century AD.

keywords: History, Rhetoric, Procopius of Caesarea.

¹Texto apresentado no VII Encontro Nacional do GT de História Antiga.

O principal elemento que emergiu da desconfiança que o século XX lançou em direção aos modelos de explicação histórica tradicionais foi a relação entre o “discurso” e o “real”. Atualmente a condição textual da história não é mais um aspecto negativo. Os historiadores assumem que produzem textos e que a história é um gênero narrativo. A construção de uma escrita, a formatação do saber sob a forma textual, constitui parte integrante da pesquisa histórica, já que a apresentação historiográfica implica um critério comunicativo. Também os conceitos ligados à narrativa, antes rejeitados, ganham novo espaço. Essa é a situação da palavra “retórica”, que é incorporada novamente nas considerações sobre o conhecimento histórico, após a revalorização do texto na representação do passado.

O redimensionamento do espaço da narrativa no conhecimento histórico não se limita à produção historiográfica (produto intelectual da ciência histórica), mas atinge a própria noção de documento. A valorização do discurso possibilita a apreensão do resíduo do passado em sua organização textual e material, seus lugares e condições de produção e seus recursos estratégicos. Esse novo *locus* assumido pelo documento exige a reformulação de métodos de análise da História. A abordagem retórica de um documento textual surge como possibilidade de refinar a metodologia da história na sua relação com o passado e abrange, principalmente, a linguagem, o texto, o autor e seu leitor ou ouvinte.

Assim, a retórica, mais do que uma técnica de produção de discursos revela seu potencial como teoria da compreensão dos discursos. Uma leitura retórica do texto pode comportar dois procedimentos de análise: 1) considerações externas ao texto, onde se observa a relação entre texto e leitor, o sistema educacional no qual o autor se insere (condições de produção), os modelos de autoridade eleitos no contexto da produção e da recepção, o papel do autor enquanto indivíduo; 2) análise interna do texto, referente aos elementos encontrados no interior da narrativa, sobre o estilo do autor, objetivando a verificação de como as regras do argumento retórico estão dispostas. A partir desta proposta, interpretaremos o próêmio da obra *Guerra Persa*, elaborada pelo historiador bizantino Procópio de Cesaréia, no século VI d.C.

Apesar de ser um dos autores bizantinos mais abordados pela historiografia, devido à quantidade de valiosas informações que a sua obra oferece do século VI, sabemos pouco sobre a vida de Procópio. Pelos indícios e afirmações retiradas de seus próprios escritos podemos afirmar que ele nasceu numa importante cidade da Palestina, Cesaréia². Atuou como “conselheiro” de Belisário de 527 a ²*Guerra Persa*. I, 1,1; *História Secreta*. 11,25. Cesaréia é conhecida pelas referências à biblioteca ali existente. A cidade funcionou por muito tempo com centro intelectual do

540 d.C.³ e, possivelmente, pertencia a uma classe conservadora, de grandes proprietários de terra⁴.

Segundo Claudia Rapp (2005, p.385) Procópio escreve num período em que a elaboração de uma obra poderia atrair um cargo importante, uma recompensa financeira ou a inserção na corte, tornando-se, assim, um elemento de ascensão social. O historiador não parece ter obtido acesso direto ao patronato imperial e, certamente, não adquiriu um cargo sedentário em Constantinopla, mas conseguiu tornar-se “conselheiro” do general de confiança do imperador, acompanhando algumas de suas viagens militares mais importantes.

De uma forma geral, a educação, no século VI, oferecia boas oportunidades profissionais. Além disso, muitas pessoas buscavam uma educação erudita almejando reconhecimento e fama pessoal. Entretanto, como a instrução de alto nível exigia grandes gastos, os estudiosos já pertenciam a uma elite com maiores recursos. Com relação à educação de Procópio, Rapp (2005, p.385) afirma que, como na maioria de seus contemporâneos bem instruídos, deve ter incluído um elemento jurídico e retórico.

É atribuída a Procópio a composição de três obras com características muito diferentes, envolvendo informações sobre o governo de Justiniano. O longo reinado deste imperador, segundo Michele Cataudella (2003, p.391), foi um momento crucial na passagem para a Idade Média, com seu contraste entre a atração de uma nova época e o desejo de recriar as condições do passado dentro de novas circunstâncias políticas, sociais e religiosas. Tal situação não poderia deixar de influenciar a cultura de seu tempo, tanto na natureza de suas manifestações, quando no caráter daqueles que interpretaram esse momento. Nesse sentido, a historiografia parece ter sentido bastante o impacto dos acontecimentos do século VI, pois foi essencialmente história contemporânea, sob a interpretação de um intérprete, freqüentemente, também testemunha ocular.

Procópio aparece como principal historiador do século VI e um dos mais notáveis de todo o período bizantino. A narrativa que elabora sobre as guerras de império e é provável que Procópio tenha acessado essa tradição intelectual. Além disso, Cesaréia “foi uma cidade cosmopolita com uma mista população de Cristãos e Judeus” (CAMERON, 1996, p.5).

³*Guerra Persa*. I, 1, 3; I, 12,24.

⁴ Para Averil Cameron (1996, p.6) é possível sustentar a afirmação de que Procópio veio de uma classe abastada devido às reações manifestadas na sua *História Secreta*, pois um dos principais temas abordados é a exaustão das classes altas pelas atividades de fiscalização e outras demandas imperiais. Nas críticas que apresenta, Procópio parece falar a uma elite, chamada simplesmente ‘senadores’, mas significando acima de tudo as classes proprietárias de grandes extensões de terra, incluindo também “profissionais como ele mesmo, doutores, professores e advogados” (CAMERON, 1996, p.227).

reconquista das províncias imperiais e reconstituição das fronteiras do Império Romano tal como eram no século I d.C. é o trabalho mais conhecido e aquele que o consagra historiador. Intitulado *História das Guerras* (*Hypèr tôn polémōn lógoi*), seu conteúdo abrange as campanhas militares entre os romanos e os povos “bárbaros”, pelos territórios limítrofes do império, durante o governo de Justiniano. Sua estrutura encontra-se dividida em oito livros. Aceita-se que os livros que a compõem foram publicados entre os anos de 550 d.C e 552 d.C.⁵ Os livros I e II acompanham as rivalidades entre persas e bizantinos e por isso são chamados de *Guerra Persa*.

A forma narrativa adotada nos livros o posiciona numa tradição historiográfica que tem os escritos gregos da época clássica como seus modelos de apresentação e conteúdo. A principal característica que o posiciona como representante dessa uma atitude classicista é a existência, nas três obras, de um proêmio cuidadosamente elaborado.

O proêmio é o elemento que inicia o discurso e sua função consiste em despertar atenção, benevolência e interesse no auditório. No caso da obra de Procópio, o público ao qual se destina é restrito àqueles que chegavam a uma educação de mediana a erudita. A história não era o único gênero que circulava no período bizantino, dividindo espaço, principalmente, com os escritos eclesiásticos e a crônica. A maior parte dos cidadãos que sabiam ler apegava-se aos “livros da Igreja” que acessavam um público em vários níveis de instrução. Em relação às crônicas, mesmo se os autores adquiriam um nível alto de instrução, eles escolhiam um gênero e uma linguagem mais facilmente compreendida pelo público que não pertencia à elite cultural. Já a história oferecia um material de alto nível intelectual que fundamentalmente só era lido por uma elite com instrução escolar acima da média. Segundo Guglielmo Cavallo (2006, p.92) um leitor mediano não poderia saber sobre os livros pertencentes à historiografia e só muito parcialmente conheciam os fatos e algumas figuras exemplares dessas narrativas. Assim, a historiografia classicista era elaborada para uma classe de leitores melhor equipada intelectual e linguisticamente.

Como atrair a atenção dessa bem instruída classe de leitores? É possível perceber alguns instrumentos utilizados por Procópio. Primeiramente, oferecendo fórmulas textuais conhecidas ou esperadas pelo público, como vemos no início da obra:

⁵ Segundo James Allan Stewart Evans (1968: 129) sete livros desta obra foram publicados aproximadamente em 550. O último evento mencionado nos livros data de 550. Procópio teria adicionado um oitavo livro (na introdução ele explica que os sete primeiros livros já tinham sido publicados), aproximadamente em 552.

Procópio de Cesareia escreveu a história das guerras que Justiniano, imperador dos romanos, travou contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os eventos de cada um, para que o fim do longo curso de tempo não possa submergir escrituras de singular importância por falta de um registro e assim abandoná-los ao esquecimento e absolutamente obliterá-los⁶ (PROCÓPIO. I.I).

A frase de abertura oferece uma clara aproximação com as obras dos historiadores gregos da Antiguidade clássica. A grande articulação que encontramos é a questão de quem compõem a obra. Desde Heródoto, a instância evocada para o cumprimento da tarefa é o próprio sujeito, anunciado já no primeiro contato com a narrativa. O sujeito é independente da inspiração das musas e não registra tudo o que encontra, mas apenas o que é digno de ser mencionado (*axiologotaton*).

Além disso, a utilização do termo “escreveu” ou “compôs por escrito” (*syngraphhein*), apresentando uma aproximação com Tucídides mais do que com Heródoto⁷ é um elemento significativo. Em Tucídides, o termo parece conscientemente provocar uma ruptura com o *historéin* (ação de quem investiga) herodoteano. Segundo François Hartog, “*Syngráphein* e *syngrapheús* se tornarão os termos usuais para designar a atividade historiográfica e o historiador. A dimensão da escrita passará ao primeiro plano, a da investigação se retrairá” (HARTOG, 2001, p.98). Apesar de Heródoto ser considerado o “pai da história” foi Tucídides o autor mais exaltado por suas características de precisão e honestidade, nos escritos de Luciano, por exemplo, ele é posicionado como símbolo do sujeito capaz de registrar os acontecimentos e desenvolver, portanto, uma história válida e legítima acima que qualquer suspeita.

Toda a estrutura inicial é facilmente reconhecida na tradição: a introdução de um específico autor, um tópico contemporâneo (uma grande guerra) e rapidamente uma justificação para o trabalho ao dizer que “a memória desses eventos seria considerada uma grande coisa e muito útil [*xynóison*] aos homens do tempo presente, bem como para as gerações futuras, no caso do tempo colocar novamente os homens sob um similar tensão” (PROCÓPIO. I.I).⁸ A partir desse

⁶ Προκόπιος Καισαρεύς τοὺς πολέμους ξυνέγραψεν, οὓς Ἰουστινιανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς πρὸς βαρβάρους διήνεγκε τούς τε ἐφ’ ὧν καὶ ἐσπερίους ὥς πη αὐτῶν ἐκάστῳ ξυνηέχθη γενέσθαι, ὡς μὴ ἔργα ὑπερμεγέθη ὁ μέγας αἰὼν λόγου ἔρημα χειρῶσάμενος τῇ τε λήθῃ αὐτὰ καταπρόηται καὶ παντάπασιν ἐξίτηλα θῆται.

⁷ Tucídides e Procópio compuseram (*syngraphhein*) suas obras. Heródoto expôs sua investigação (*histories apodexis*).

⁸ ὧν περὶ τὴν μνήμην αὐτὸς ᾤετο μέγα τι ἔσσεσθαι καὶ ξυνοῖσον [útil] ἐς τὰ μάλιστα τοῖς τε [ambos] νῦν οὔσι καὶ τοῖς ἐς τὸ ἔπειτα γενησομένοις, εἴ ποτε καὶ αὐθις ὁ χρόνος ἐς ὁμοίαν τινὰ τοὺς ἀνθρώπους ἀνάγκην διάθοιτο.

primeiro conjunto de declarações o auditório da obra procopiana, possivelmente conhecedor da tradição historiográfica, encontra uma zona de conforto ao perceber elementos tão familiares no discurso do historiador bizantino.

É importante pontuar que Procópio, ao apresentar essa aproximação com as fórmulas da escrita da história na Antiguidade Clássica não copia simplesmente os seus modelos, mas apresenta uma imensa capacidade de adaptação e experimentação das novas circunstâncias oferecidas pelo Império Bizantino. Nesse momento, a aproximação em relação ao modelo clássico se desenvolveu, parcialmente, numa espécie de “escolha”, na tentativa de estabelecer uma linguagem que determinasse uma forma literária específica. A eleição dos códigos lingüísticos por parte dos autores bizantinos pauta-se na necessidade de submeter seus trabalhos à legitimidade daquilo que os gregos produziram no V e IV séculos a.C. e no próprio sistema educativo do Império, que fixava o juízo do que deveria funcionar como modelo literário. As alusões⁹ clássicas servem, portanto, como estratégias retóricas de composição textual.

Um elemento que revela a originalidade de Procópio é a presença da figura de Justiniano na frase de abertura do proêmio “Procópio de Cesareia escreveu a história das guerras que Justiniano, imperador dos romanos, travou contra os bárbaros [...]” (PROCÓPIO. I.I). Se levarmos em consideração o fato de que até esse momento, século VI d.C., as obras eram ainda muitas vezes lidas em voz alta, talvez a presença de dois nomes pronunciados em alto e bom tom revelasse a tentativa de estabelecer uma ligação com as atividades imperiais. O imperador dos romanos parece ser a figura central no relato dos acontecimentos e integra a estrutura mesma da lógica narrativa. O objetivo prontamente apresentado por Procópio é narrar as ações bélicas que Justiniano empreendeu contra os bárbaros.

Após a apresentação geral de seu material, Procópio pretende tornar o auditório benevolente ao apontar a excelente posição na qual se encontra ao narrar os acontecimentos que sucedem

e ele tinha convicção que era o mais capacitado dos homens para escrever a história destes eventos, por nenhuma outra razão que aquela que caiu em sua sorte, quando foi nomeado

⁹ Utilizamos o termo “alusão” no sentido mesmo que Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca atribuem, definindo-o como uma figura de comunhão em que o orador emprenha-se em estabelecer uma ligação com o auditório. “Há alusão quando a interpretação de um texto, se se omitisse a referência voluntária do autor a algo que ele evoca sem designar [no caso de Procópio, os seus modelos da Grécia clássica], estaria incompleta [...]; a alusão aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.201).

pelo general Belisário, para ser seu conselheiro [testemunha ocular] de praticamente todos os eventos reunidos exatamente aqui (PROCÓPIO. I.I.3).¹⁰

Procópio, assim, informa sua competência, empenhando-se, sobretudo, em valorizar suas qualidades, não como “conselheiro” do general Belisário, mas como sujeito capaz de escrever uma história útil às gerações vindouras e ao momento presente. O historiador também posiciona e define a identidade de seu trabalho em relação aos gêneros de escrita vigentes naquele momento ao apontar que “[...] enquanto habilidade [δεινότητα] é apropriada à retórica [ρητορικῆ], e a inventividade [μυθοποιίαν] à poesia [ποιητικῆ], somente a verdade [ἀλήθειαν] é apropriada à história [ἔξυγγραφή]” (PROCÓPIO. I.I.4).

O proêmio é espaço de afirmação dos valores do orador úteis à apresentação do conteúdo. Como a história é associada à verdade¹¹, nenhuma característica poderia ser mais adequada do que a honestidade e imparcialidade no relato dos acontecimentos. Essa preocupação parece ser sugerida pela seguinte afirmação: “Em conformidade com este propósito ele não ocultou as falhas dos seus mais íntimos conhecidos, mas compôs por escrito com total precisão tudo o que aconteceu aos interessados, se o que aconteceu foi feito bem ou mal por eles” (PROCÓPIO. I.I.5)¹². Mas, além de verdadeiro, o relato histórico, segundo Procópio deveria caracterizar-se pela exatidão, por uma completa *akribeia*. Esse conceito transforma-se, reconhecidamente, dentro da própria prática literária do Império, num ponto emblemático para a interpretação dos fundamentos de autoridade da narrativa historiográfica. Segundo Warren Treadgold (2010, p.213) a verdade para a maioria dos historiadores bizantinos, incluindo Procópio, não reside apenas na descrição correta dos fatos, mas ainda num julgamento justo e criterioso das atividades dos envolvidos.

¹⁰ καί οἱ αὐτῷ ξυνηπίστατο πάντων μάλιστα δυνατὸς ὧν τάδε ξυγγράψαι κατ’ ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅτι δὲ αὐτῷ ξυμβούλῳ ἡρημένῳ Βελισαρίῳ τῷ στρατηγῷ σχεδόν τι ἅπασι παραγενέσθαι τοῖς πεπραγμένοις ξυνέπεσε.

¹¹ Segundo Roger Scott (1981: 65) o apego excessivo à verdade é uma das principais características dos historiadores bizantinos. É particularmente essa ênfase em demasia que fornece o motivo para escrever uma história e promove o objeto de seus relatos. Interessante pontuar que há nessa prática uma diferença em relação aos modelos gregos. Enquanto os historiadores clássicos apontam a fraqueza e inadequação dos métodos de seus predecessores, os historiadores bizantinos da tradição classicista acusam aqueles que os precedem de colher relatos equivocados e distorcer a verdade dos fatos.

¹² ταῦτά τοι οὐδέ του τῶν οἱ ἐς ἄγαν ἐπιτηδείων τὰ μοχθηρὰ ἀπεκρύψατο, ἀλλὰ τὰ πᾶσι ξυνεγεχθέντα ἕκαστα ἀκριβολογούμενος ξυνεγράψατο, εἴτε εὖ εἴτε πη ἄλλη αὐτοῖς εἰργάσθαι ξυνέβη.

Como forma de atrair o interesse do auditório, o exórdio também pode apresentar a importância do assunto ou o seu caráter excepcional, extraordinário ou paradoxal. No próêmio procopiano, vemos os eventos das guerras de Justiniano contra os Persas, como algo extremamente importante, já que “será evidente que nenhum mais importante ou poderoso feito encontra-se na história do que aqueles os quais tem sido enaltecidos nessas guerras, desde que se pretenda basear seu julgamento na verdade” (PROCÓPIO. I.I.6).¹³ O autor ainda afirma que a guerra em questão produziu os feitos mais notáveis dentre todas e somente aqueles que não tem capacidade de reconhecer o avanço das técnicas de guerra poderá ingenuamente atribuir maior consideração aos relatos anteriores. Segundo Procópio,

Nunca ocorreu ao pensamento deles que no que diz respeito aos arqueiros dos tempos de Homero¹⁴ que tiveram a infelicidade de ser ridicularizados por esse termo derivado de sua arte, eles nem foram transportados por cavalos nem protegidos por lança ou escudo. Na verdade, não havia proteção para todos os seus corpos; eles travavam batalha à pé e eram obrigados a ocultarem-se, ou individualmente fora do escudo de algum companheiro, ou procurando segurança atrás de uma lápide numa colina (PROCÓPIO. I.I.9).¹⁵

Mas os arqueiros do tempo presente vão para a batalha vestindo couraça e equipados com greva que se estendem até os joelhos. Do lado direito penduram suas flechas, do outro lado, a espada (PROCÓPIO. I.I.12).¹⁶

Ainda existem aqueles que tomam em consideração nenhuma destas coisas, que reverenciam e cultuam os tempos antigos, e não dão crédito às melhorias atuais. Mas tais considerações

¹³ Κρεῖσσον δὲ οὐδὲν ἢ ἰσχυρότερον τῶν ἐν τοῖσδε τοῖς πολέμοις τετυχηκότων τῷ γε ὡς ἀληθῶς τεκμηριοῦσθαι βουλομένῳ φανήσεται.

¹⁴ A presença de Homero no trecho acima pode significar uma tentativa de Procópio em aumentar seu prestígio frente ao auditório, como conhecedor da tradição literária produzida pelos gregos antigos.

¹⁵ οὐ γάρ τις πώποτε αὐτοῖς ἔννοια γέγονεν ὅτι δὴ τοῖς μὲν παρ’ Ὀμήρῳ τοξεύουσιν, οἷσπερ καὶ ὑβρίζεσθαι ἀπὸ τῆς τέχνης ὀνομαζομένοις ξυνέβαινε, οὐχ ἵππος ὑπὴν, οὐ δόρυ, οὐκ ἀσπίς ἤμυεν, οὐκ ἄλλο οὐδὲν τοῦ σώματος φυλακτήριον ἦν, ἀλλὰ πεζοὶ μὲν ἐς μάχην ἦσαν, ἀποκεκρύφθαι δὲ αὐτοῖς ἦν ἀναγκαῖον, ἐταίρου του ἐκλεγομένοις ἀσπίδα ἢ στήλη ἐπὶ τύμβῳ τινὶ κεκλιμένοις.

¹⁶ οἱ δὲ γε τανῦν[agora] τοξόται ἴασι μὲν ἐς μάχην τεθωρακισμένοι τε καὶ κνημίδας ἐναρμολογούμενοι [ajustado/vistind/equipado] μέχρι ἐς γόνυ. ἤρηται δὲ αὐτοῖς ἀπὸ μὲν τῆς δεξιᾶς πλευρᾶς τὰ βέλη, ἀπὸ δὲ τῆς ἐτέρας[ο outro de dois] τὸ ξίφος.

não irão impedir a conclusão de que as maiores e mais notáveis ações tem sido realizadas nessas guerras (PROCÓPIO. I.I.16).¹⁷

Nessa passagem, o caráter axiológico da narrativa encontra lugar privilegiado. A informação sobre os arqueiros cumpre um papel essencial, pois funciona como uma espécie de “ilustração” de como as condições atuais para a guerra nunca foram melhores e de como aqueles que pensam o contrário se enganam¹⁸. A “ilustração”, de acordo com a classificação efetuada por Chaim Perelman (1996, p.407) corresponde a um exemplo que atribui presença. Ora, a situação dos arqueiros no passado em relação ao tempo presente ilustra a melhoria das condições contemporâneas, vemos aqui uma espécie de caso particular que esclarece o enunciado geral e aumenta a presença na consciência do leitor. Podemos encontrar também nesse trecho o argumento da comparação. Quando Procópio compara as condições dos arqueiros homéricos com a situação do arqueiro do presente, não faz mais do que aproximar dois elementos para justificar um dos termos (a melhoria do tempo presente) a partir do outro e é nessa relação que está sua força persuasiva. Entretanto, a comparação no mínimo intrigante. O lapso temporal entre uma e outra guerra é demasiado grande, e sabemos que situações bélicas ocorreram com frequência envolvendo o Império romano nesse intervalo.

Por causa dessa disparidade comparativa, adotando outro caminho interpretativo, Anthony Kaldellis (2004, p.21) defende a possibilidade de uma espécie de sátira da defesa rigorosa da grandeza do tema encontrada na “Arqueologia” de Tucídides e nos argumentos de Políbio. Para este pesquisador, é um equívoco pensar que Procópio realmente admirou os arqueiros montados de seu tempo e o trecho em questão faria parte de um projeto maior na estrutura narrativa, pois ao evocar um argumento tão insustentável o historiador chamaria a atenção não abertamente, justamente, para a fraqueza do exército de Justiniano, explorando de forma sutil e perspicaz as possibilidades da tradição literária. Neste sentido, existiriam, na narrativa procopiana, camadas intencionais e arquitetadas para funcionar em diferentes situações, mesclando a originalidade do historiador com as alternativas da tradição

Essa divergência, nas considerações sobre o trecho dos arqueiros na obra procopiana, oferece mais do que um impasse, apresenta uma abertura no nosso

¹⁷ εἰσὶ δὲ οἱ τούτων ἥκιστα ἐνθυμούμενοι σέβονται μὲν καὶ τεθήπασι τὸν παλαιὸν χρόνον, οὐδὲν δὲ ταῖς ἐπιτεχνήσεσι διδόασι πλέον. ἀλλὰ τούτων οὐδὲν κωλύσει μὴ οὐχὶ μέγιστα τε καὶ ἀξιολογώτατα ἐν τοῖσδε τοῖς πολέμοις ξυμβῆναι.

¹⁸ Diferente do exemplo, “a ilustração, da qual não depende a adesão à regra, pode ser duvidosa, mas deve impressionar vivamente imaginação para impor-se à atenção” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.407).

campo interpretativo, e divulga a enorme riqueza que uma análise retórica do texto pode acarretar.

Bibliografia

Documentos Textuais

HÉRODOTE. *Histoires*: livre I. Traduit par E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

PROCOPIO. *Historia Secreta*. Traducción de Juan Signes Codoñer. Madrid: Gredos, 2000.

PROCOPIUS. *History of the wars*: Books I – II. English translation by H. B. Dewing. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. *Buildings*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press, 1996.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso. Livro I*. Tradução e apresentação de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Obras Gerais

CAMERON, Averil. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n° 1, p. 123-152, 2000. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi1a3.pdf>>. Acesso em 02/11/2009.

CAVALLO, Guglielmo. *Lire à Byzance*. Traduit par Paolo Odorico et Alain Segonds. Paris: Les Belles Lettres, 2006

CATAUDELLA, Michele. F. Historiography in the East. In.: MARASCO, Gabriele (ed.). *Greek and Roman historiography in late antiquity: fourth to sixth century A.D.* Leiden; Boston: Brill, 2003. pp. 391-447.

COLE, Thomas. *The origins of rhetoric in Ancient Greece*. London: Johns Hopkins, 1991.

EVANS, James Allan Stewart. Procopius of Caesarea and the Emperor Justinian. *Historical Papers / Communications historiques*, vol. 3, n° 1, p. 126-139, 1968.

GREATREX, Geoffrey. The Classical Past in the Classicising Historians, In.: *The reception of Classical Texts and Images. Open University Conference*, 1996. Disponível em: <<http://www2.open.ac.uk/ClassicalStudies/GreekPlays/conf96/greatrex.htm>>. Acesso em: 03/08/2010.

HARRIS, Jonathan (Ed.). *Palgrave advances in byzantine history*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HOWARD-JOHNSTON, James. The education and expertise of Procopius. *Antiquité Tardive*, 8, 2000, p. 19-30.

KALDELLIS, Anthony. *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

PAPALEXANDROU, Amy. A cultura da memória em Bizâncio. In: JAMES, Liz (ed.). *A companion to Byzantium*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. pp. 108-122.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RAPP, Claudia. Literary culture under Justinian. In.: MAAS, Michael(ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. pp. 376-400.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes 1998.

SCOTT, Roger; MULLETT, Margaret. *Byzantium and the classical tradition*. Birmingham: Centre for Byzantine Studies, 1981.

TREADGOLD, Warren. *The early byzantine historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010.



Recebido em Outubro 2009
Aprovado em Dezembro 2009